



Pluralismo metodológico e interdisciplinaridade nas pesquisas psicanalíticas de René Spitz: fundamentos e estratégias

Methodological pluralism and interdisciplinarity in René Spitz's psychoanalytic research: foundations and strategies

Michelle Vianna Goliath
Richard Theisen Simanke
Universidade Federal de Juiz de Fora
Brasil

Resumo

O artigo aborda as pesquisas de René Spitz sobre o desenvolvimento das psicopatologias precoces infantis, enfatizando seus aspectos metodológicos e a maneira como o autor procura articular a investigação experimental e a perspectiva clínica e teórica da psicanálise. Os principais métodos e os procedimentos complementares de suas pesquisas empíricas são apresentados e discutidos, a partir da análise das publicações originais do autor. Críticas e debates que cercaram seus trabalhos à época são também revisitados e analisados. Em conclusão, argumenta-se que os trabalhos de Spitz, apesar de suas limitações, constituem um exemplo histórico significativo de como a psicanálise pode se beneficiar de uma perspectiva mais plural e interdisciplinar e suas pesquisas clínicas e empíricas.

Palavras-chave: psicanálise infantil; Spitz; psicopatologia infantil; metodologia de pesquisa.

Abstract: This paper addresses René Spitz's research on child development and early psychopathological disorders, emphasizing its methodological aspects and how the author seeks to articulate experimental research and the psychoanalytic clinical and theoretical perspective. The main methods and complementary procedures of his empirical research are presented and discussed, based on the analysis of the author's original publications. Criticism and debates that surrounded his works at the time are also revisited and analyzed. In conclusion, it is argued that Spitz's works, despite their limitations, constitute a significant historical example of how psychoanalysis can benefit from a more plural and interdisciplinary perspective in its clinical and empirical research.

Keywords: Child Psychoanalysis; Spitz; Child Psychopathology; research methodology.

Introdução

René Arpad Spitz (1887-1974) foi um psiquiatra, psicanalista e pesquisador austro-americano. Formou-se em medicina em 1910 na Universidade de



Budapeste, onde teve contato pela primeira vez com psicanálise e teve seu interesse despertado por esta disciplina. Passou, então, a trabalhar sob a orientação de Sándor Ferenczi, um de seus professores e colaborador próximo de Freud na época. Foi Ferenczi quem o instruiu a procurar Freud após se graduar, para uma análise didática tendo em vista seu treinamento como futuro analista (Spitz, 1959). Esta viria a ser a primeira análise didática conduzida pelo fundador da psicanálise (Emde, 1992).

Assim como outros autores da psicanálise britânica e norte-americana (Bowlby, 1951; Ainsworth & Bowlby, 1991; Mahler, 1963; 1971), Spitz valia-se de métodos etológicos de investigação, valorizando a observação objetiva e controlada do comportamento e utilizando, inclusive, métodos quantitativos em combinação com a abordagem clínica da psicanálise. Esta atitude favorável a uma maior abertura metodológica tornou-se rara na pesquisa psicanalítica posterior e permanece minoritária na psicanálise contemporânea, que tende a enfatizar a especificidade e, mesmo, a exclusividade de seus métodos (Leuzinger-Bohleber & Bürgin, 2003/2018). O estudo detalhado de seus métodos pode, portanto, contribuir para recolocar em discussão as questões relativas à metodologia da pesquisa psicanalítica como um todo. Além disso, a obra de Spitz como um todo carece de estudos sistemáticos na literatura em história da psicologia e da psicanálise, o que, por si só, justificaria o retorno sobre seus trabalhos.

Tendo isso em vista, este artigo se propõe a apresentar e analisar a metodologia empregada por René Spitz, ilustrada por seus estudos empíricos e observacionais mais relevantes (Spitz, 1945; 1946b; Spitz & Wolf, 1946; 1947), que serviram de base para grande parte de seus escritos subsequentes. As principais formas de abordagem do desenvolvimento infantil e seus transtornos psicopatológicos, assim como as diversas técnicas de investigação empregadas são apresentadas abaixo, discutindo-se também as justificativas apresentadas pelo autor para o emprego de tais procedimentos. A seguir, são expostas e analisadas, ainda, certas críticas da época endereçadas especificamente aos aspectos metodológicos do trabalho de Spitz. O trabalho foi realizado a partir da análise das publicações do autor que descrevem seus estudos empíricos e de alguns de seus colaboradores, e das que tem por tema a metodologia de pesquisa, excluindo-se os de cunho estritamente teórico. Quanto ao material audiovisual produzido por ele, foram utilizados os filmes originais quando disponíveis e descrições dos mesmos quando indisponíveis (Emde & Harmon, 1983; Weitzenkorn, 2020). Se recorre também, quando possível, à escassa literatura secundária existente, configurando-se como uma revisão bibliográfica



comentada. Por fim, a conclusão sintetiza os resultados das análises realizadas e debate brevemente suas implicações para o problema mais amplo da pluralidade metodológica na pesquisa psicanalítica (Fulgêncio, Birman, Kuperman & Cunha, 2018).

Os principais métodos e abordagens nos trabalhos de Spitz

Spitz sempre procurou justificar claramente seu procedimento e a razão para não utilizar as metodologias psicanalíticas convencionais em seus trabalhos (Spitz, 1944; 1965). As investigações realizadas pelo autor envolviam, sobretudo, crianças muito pequenas, desde o nascimento até uma idade ainda pré-verbal. Nos três primeiros meses de vida, não haveria, segundo Spitz, uma separação nítida entre a psique e o corpo do sujeito, fazendo destes um todo ainda não diferenciado. Por isso, a criança se expressaria, nesta fase, por meio de seu comportamento afetivo e de sintomas e manifestações corporais (Spitz, 1944). A psicanálise convencional, operando basicamente através da fala, tornara impossível aplicar completa e literalmente seu método clínico tradicional sobre sujeitos ainda nos estágios pré-verbais do desenvolvimento. A fim de obter informação confiável sobre esses estágios iniciais do desenvolvimento infantil, Spitz lançou mão, então, de testes e métodos de observação padronizados, procurando abranger um número estatisticamente significativo de crianças.

Os diferentes instrumentos utilizados em pesquisas na psicologia experimental são normalmente acompanhados por uma postura de distanciamento do objeto sob escrutínio por parte do pesquisador. Este, contudo, não é o caso em pesquisas psicanalíticas (Bernfeld, 1941). Nos escritos e filmes produzidos por Spitz, é possível constatar a proximidade entre o pesquisador e os bebês observados. Em outras palavras, o pesquisador participa ativamente do ato de observar. Portanto, apesar de se munir dos instrumentos da psicologia experimental, Spitz mantém, em última instância, uma atitude psicanalítica:

O psicanalista obtém seus fatos básicos do tratamento psicanalítico, um processo de influenciar ativamente o objeto observado Certamente, comparado ao psicólogo em seu laboratório, o psicanalista é muito ativo. Ele não observa um objeto que é independente de sua observação (Bernfeld, 1941, p.290)¹.

¹ A abordagem experimental em Spitz, na maior parte das vezes, não tem um sentido estrito, mas se refere tão somente às formas de observação que não transcorrem numa situação propriamente psicanalítica (clínica e intersubjetiva) e que, portanto, admitem uma participação mais ativa do investigador. De modo semelhante, o que denomina abordagem estatística se refere, em geral,



Spitz descreveu duas abordagens básicas utilizadas em suas investigações. A primeira é uma abordagem estatística, que parte da premissa de que as condições psicossomáticas variam de cultura para cultura em função das diferentes influências ambientais e como expressão dessas diferenças. Esta abordagem consistiria num esforço conjunto de etnólogos, sociólogos, psicanalistas, psiquiatras e médicos para descrever e explicar as diferentes combinações de fatores etiológicos que podem compor os quadros psicossomáticos.

A segunda forma de aproximação é descrita como abordagem genética. Nela, o psicanalista se limita à colaboração de obstetras e pediatras no esforço de compreender os quadros psicossomáticos. Trata-se, em suma, de coletar dados provenientes dos períodos pré-natal, neonatal e dos estágios iniciais do desenvolvimento e assim observar as condições que levam ao desenvolvimento dos quadros psicossomáticos, não apenas em termos de expressão de afetos, mas de “situações correlacionadas ao comportamento e às manifestações somáticas” (Spitz, 1944, p.559). O autor se refere a esses fenômenos como “linguagem de comportamento situacional” (*situational behavior language*), pois, nela, “padrões de comportamento somático e emocionais específicos são coordenados a situações patogênicas específicas” (Spitz, 1944, p.559).

As abordagens propostas ou adotadas por Spitz dão forma a um projeto interdisciplinar de estudo dos quadros psicopatológicos precoces com o objetivo de compreendê-los de maneira multidimensional. Na maioria de seus trabalhos empíricos, as principais amostras de sujeitos utilizadas por Spitz eram obtidas das instituições ficticiamente designadas em seus estudos como “Berçário” ou “Creche” (*Nursery*) – uma instituição penal para onde eram enviadas presas grávidas no momento da admissão e onde eram criados seus filhos até o primeiro ano de vida – e “Casa da Criança Abandonada” (*Foundling Home*); que abrigava crianças de famílias que não tinham condições de criá-las e as deixavam na instituição mediante o pagamento de um pequeno valor mensal e também mães solteiras que acompanhavam seus filhos e auxiliavam nos cuidados de outras crianças. Diversos dos principais trabalhos de Spitz utilizaram amostras obtidas destas instituições (Spitz, 1944; 1945; 1946a; 1965; Spitz & Wolf, 1946; 1947).

Em *The First Year of Life*, Spitz (1965) relata um estudo longitudinal, com uma duração máxima de dois ou dois anos e meio e mínima de dois meses. Este critério foi adotado para que pudessem ser detectadas mudanças psíquicas e

apenas à coleta de dados de amostras relativamente amplas em períodos de tempo prolongados, e não a uma análise formal destes dados através de instrumentos matemáticos especializados.



comportamentais durante o primeiro ano de vida. O livro descreve a metodologia e os resultados de um projeto de pesquisa abrangente, que tinham sido parcialmente apresentados em diversos trabalhos anteriores.

Spitz (1965) alega ter utilizado uma combinação de estudos longitudinais e transversais², acrescentando que, quando julgava necessário, investigava profunda e extensivamente um sujeito individual. As populações utilizadas pelo autor foram selecionadas de diferentes contextos, culturas, raças e situações econômicas, a fim de avaliar se influências culturais, raciais ou outras quaisquer afetariam a personalidade ao longo do primeiro ano de vida, segundo o mesmo. Vale ressaltar que as “raças” mencionadas eram designadas como “branca”, “negra”, “latina” e “indígena”, sendo as duas primeiras oriundas do mesmo país (os EUA). Quanto à indígena, não foi especificada a etnia, mas apenas que o povoado de origem se localizava na América Latina, onde teriam sido objeto de um estudo transversal. Foram observadas também trinta e cinco crianças nascidas numa maternidade do tipo hospital-escola, onde as mães tinham um “status econômico modesto”, mas eram atendidas por uma equipe altamente qualificada.

A partir do material apresentado, não é possível determinar quais os parâmetros adotados pelos autores para justificar sua concepção de “raça”. Tornou-se, depois, consensual que essas concepções são de essencial importância quando se discutem aspectos raciais, dado que influenciam o modo como as questões são levantadas e a interpretação dos resultados das pesquisas (Scarr, 1988). A justificativa de Spitz permanece vaga a este respeito:

Levando-se em consideração as *controvérsias frequentes* sobre as influências culturais, raciais e afins na personalidade humana, queríamos testar até onde iam tais diferenças, se existentes, e se poderiam afetar a personalidade no primeiro ano de vida. Com esse problema em mente, foram incluídos em nossas populações bebês de *várias culturas e raças*. Tivemos condições de estudar bebês de ascendência branca, negra e indígena (americana). (Spitz, 1965, p.27, grifos nossos).

Nenhuma informação é fornecida sobre como a ascendência poderia ser um fator interveniente no desenvolvimento da personalidade do indivíduo e o contexto passa a impressão de que o critério foi incluído apenas para satisfazer

² De modo geral, um *estudo ou levantamento longitudinal* é um delineamento de pesquisa que envolve observações repetidas das mesmas variáveis ou sujeitos ao longo de períodos de tempo mais ou menos longos. Um *estudo ou análise transversal* é um tipo de pesquisa observacional ou experimental que analisa dados de uma população ou de um subconjunto representativo desta num ponto específico do tempo (Shadish, Cook & Campbell, 2001).



um requisito metodológico formal. Nenhum estudo foi apresentado sobre quais poderiam ser os resultados desse controle por raça e tampouco foram citados trabalhos documentando as “frequentes controvérsias” sobre o tema mencionadas. Quando nenhuma diferença significativa nos Quocientes de Desenvolvimento foi observada, considerou-se que a ascendência das crianças não parecia ser um fator no desenvolvimento dos bebês. Contudo, este tópico não chega a ser efetivamente discutido pelos autores. Nesse sentido, não teria sido seguido a diretriz apresentada por Scarr (1988, p.58), segundo a qual, quando se estuda quaisquer diferenças psicológicas entre raças, gêneros ou classes sociais, os autores têm “responsabilidades no sentido de interpretar seus dados de modo claro, de acordo com o que acreditam que os resultados significam”.

Além de realizar esta separação da amostra principal, Spitz (1965) submetia à observação todos os demais sujeitos da faixa etária sob estudo em cada ambiente/instituição, ou seja, aqueles que não apresentavam características que os enquadrassem nas síndromes de interesse, para assegurar a constância de fatores intervenientes e condições ambientais. De acordo com o autor, esta estratégia teria permitido que se estudasse o efeito de uma única variável de cada vez.

Em seu artigo *Hospitalism*, Spitz (1945) descreve a investigação realizada por ele e sua equipe sobre os efeitos dos cuidados institucionais contínuos em bebês menores de um ano. As duas instituições selecionadas (“Casa da Criança Abandonada” e “Berçário”) eram caracterizadas como orfanatos e como situadas no “hemisfério ocidental”, sem maiores especificações. As crianças passavam por uma anamnese detalhada e eram submetidas ao teste de Hetzer-Wolf. Foram incluídas também informações sobre as mães, sempre que disponíveis. Quaisquer problemas ou comportamentos fora do comum que não pudessem ser explicados pela situação-teste eram submetidos a experimentos especiais voltados para aquela situação específica, todas protocoladas e analisadas em detalhe. Uma parte dos testes e dessas situações especiais, assim como os experimentos realizados foram gravados em filme de 16/mm.

O autor utilizou uma amostra restrita, em sua maior parte, ao primeiro ano de vida, “em vista de achados de investigações prévias” (Spitz, 1945, p.58), assim como amostras de crianças não institucionalizadas, criadas na casa dos pais e oriundas dos mesmos países de ambas as instituições, como parâmetro de comparação.

Spitz apresenta, em seguida, as médias dos *quocientes de desenvolvimento* mensuradas a partir das aplicações do teste Hetzer-Wolf nos primeiros e últimos



quatro meses do primeiro ano de vida de cada uma das amostras. Não fica claro, no entanto, se a média é estabelecida utilizando duas medidas para cada criança, uma no primeiro quadrimestre e outra no último quadrimestre do primeiro ano de vida, ou se os testes são administrados dividindo-se as crianças da amostra em faixas de idade e testando-as uma única vez. Na tabela apresentada, as crianças do grupo controle são divididas em crianças que moravam com pais que têm empregos fixos numa cidade de grande porte e crianças criadas com os pais num vilarejo de pescadores isolado, em que as condições de infraestrutura e qualidade de vida eram precárias. Essas informações são apresentadas na tabela reproduzida abaixo.

Tabela 1. Médias dos quocientes de desenvolvimento por amostra.

Tipo de ambiente	Contexto social e cultural	Quocientes de Desenvolvimento	
		Média dos primeiros quatro meses	Média dos últimos quatro meses
Casa dos pais	Emprego fixo	133	131
	População do vilarejo	107	108
Instituição	"Berçário"	101.5	105
	"Casa da Criança Abandonada"	124	72

Ao comentar estas médias, Spitz afirma que, nas três primeiras amostras, independentemente de seu contexto, as crianças estavam com QDs (Quocientes de Desenvolvimento) satisfatórios ao fim do primeiro ano. As crianças da Casa da Criança Abandonada, contudo, apesar de terem uma média inicial comparável às outras, ao fim tinham decaído drasticamente. Essa queda é atribuída às manifestações características do hospitalismo apresentado pelas crianças dessa instituição (deterioração no processo de desenvolvimento, maior suscetibilidade a doenças e infecções, substituição do comportamento normal da criança quando em contato com adultos por uma atitude que varia de extrema simpatia a ansiedade generalizada expressa por meio de gritos incessantes e outros distúrbios psiquiátricos não especificados). Spitz também informa que, devido a uma epidemia de sarampo na instituição, 6 crianças do grupo mais novo e 17 do grupo mais velho morreram, o que reduziu o número total da amostra de 61 para 38. Outra diferença é o fato de que as crianças do Berçário tinham contato



com suas mães, ao passo que as da Casa da Criança Abandonada só tinham a atenção de um cuidador primário até o desmame, no quarto mês de vida. Spitz (1945) considera que essa perda de contato humano é o fator responsável pela queda do QD abaixo do normal no mês seguinte.

O estudo descrito em *Anaclitic depression* (Spitz & Wolf, 1946) foi desenvolvido na instituição designada como Berçário, onde foram observadas 123 crianças de 14 dias a um ano de vida por um período de 12 a 18 meses cada, a intervalos de uma semana, "totalizando aproximadamente 400 horas cada ... compartilhando todas do mesmo ambiente, cuidado, comida e higiene" (Spitz & Wolf, 1946, p.317).

Spitz e Wolf (1946) descrevem a *depressão anaclítica* como uma síndrome comportamental ou psiquiátrica caracterizada pelo aparecimento de uma disposição chorosa em crianças normalmente felizes e interativas, que evoluía para uma falta de interesse no ambiente circundante e para a recusa em interagir com outras pessoas, muitas vezes virando os rostos para evitar seus olhares. Além disso, os autores apontam que foi observada uma queda gradual no quociente de desenvolvimento medido pelo teste Hetzer-Wolf. Os sintomas se manifestavam por 2 ou 3 meses e podiam ser acompanhados por perda de peso, insônia e suscetibilidade aumentada a doenças tais como resfriados e eczema. Após esse período, o comportamento choroso desaparecia e dava lugar a uma expressão facial rígida, com olhos arregalados e inexpressivos, quando então as crianças não pareciam mais sequer perceber o que acontecia no ambiente. Em alguns casos, havia o aparecimento de atividades autoeróticas, depois descritas mais detalhadamente em outro artigo (Spitz & Wolf, 1947).

Os autores constataram o desenvolvimento da depressão anaclítica em 19 das 123 crianças observadas. Além disso, "uma forma aparentemente mais suave da síndrome ... com uma queda parecida do quociente de desenvolvimento foi observada em outros 26 casos" (Spitz & Wolf, 1946, p.317). Neste artigo, são apresentados três casos clínicos da síndrome observados na instituição, envolvendo crianças que foram separadas de suas mães. Nesses casos, são descritas mudanças graduais de comportamento nas crianças. A intervalos de cerca de duas semanas, estas passaram de simpáticas e sorridentes para fechadas, recusando brinquedos e se tornando apreensivas e chorosas quando os observadores tentavam interagir, tornando-se depois totalmente apáticas. Após 3 ou 4 meses, as crianças foram novamente reunidas com suas mães, e a síndrome cessou. Tanto a investigação descrita neste artigo quanto aquela antes apresentada em *Hospitalism* (Spitz, 1945) seguem a abordagem definida pelo autor como *genética*, em que este observa e descreve



as afecções em termos de mudança de comportamento e sintomas somáticos desde o começo da vida da criança.

No artigo intitulado *Autoerotism* (Spitz & Wolf, 1947), os autores relatam o comportamento de crianças que, em seu primeiro ano de vida, apresentavam atividades autoeróticas tais como balançar-se, manipulação genital e brincar com as fezes. Estas manifestações foram selecionadas por serem passíveis de observação e, como o ato de "sucção, essas três atividades são caracterizadas por seu ritmo, seu caráter de autoestimulação e ... a criança parece ter algum tipo de prazer enquanto as realiza" (p.86). No entanto, a atividade oral em si foi excluída, porque muitas de suas manifestações não são diretamente observáveis e porque a fase oral se situa num momento muito precoce da primeira infância.

O estudo foi realizado com 196 crianças classificadas de acordo com gênero e etnia (brancas, "de cor" e mestiças). Desta amostra inicial, 26 crianças foram excluídas por serem muito novas e não apresentarem quaisquer sinais de comportamentos autoeróticos, trazendo o total para 170. A amostra foi selecionada na instituição denominada Berçário. Os autores observam que as condições de higiene eram satisfatórias, pois "... nenhuma criança morreu durante os 4 anos nos quais fizemos observações na instituição e que doenças sérias não ocorreram neste período" (Spitz & Wolf, 1947, pp.87-88). As observações foram feitas semanalmente, totalizando 4 horas por semana, com uma média de 200 horas de observação por criança. A equipe da instituição era entrevistada semanalmente e testes de Rorschach foram administrados a cerca de 30% das mães. Foi investigado, ao mesmo tempo, "o clima emocional de cada criança estudada, e tentamos correlacionar o histórico emocional das crianças com seu comportamento autoerótico observável" (Spitz & Wolf, 1947, p.88). Spitz e Wolf afirmam ainda que o estudo estava em curso há quatro anos, o que significa que começou na mesma época que o estudo sobre o hospitalismo (Spitz, 1945). A pesquisa transcorreu na mesma instituição e foi simultânea ao estudo sobre a depressão anaclítica (Spitz & Wolf, 1946).

Para explicar a manifestação das atividades autoeróticas, os autores consideraram necessário traçar a etiologia destas manifestações, dividindo-as em três categorias: hereditárias, congênicas e ambientais. Este estudo fornece um exemplo do uso da *abordagem estatística* de Spitz, uma vez que leva em consideração uma possível variação na expressão da patologia psicossomática em questão em função do ambiente e da cultura da qual provêm os indivíduos.

As origens hereditárias das atividades não foram consideradas significativas pelos autores, que comentaram não existirem critérios disponíveis para realizar a investigação deste fator. Em relação aos fatores congênicos, estes afirmam que



“nenhuma descoberta significativa foi feita em disfunções congênitas por exame médico ao nascimento ou por resultados de testes que começaram na segunda semana após o nascimento” (Spitz & Wolf, 1947, p.93). Assim, julgam possível concluir que o fator decisivo na origem das atividades autoeróticas é o ambiental. Não foram fornecidas maiores informações em relação à falta de critérios hereditários nem especificações quanto ao exame médico ao nascimento ou que tipo de testes foram feitos posteriormente.

Em 1946, Spitz publica um estudo sobre a assim chamada “*resposta sorriso*” – uma resposta automática do bebê menor de 6 meses diante da percepção da face de um adulto (Spitz, 1946b). Em outro artigo posterior, o autor explica seu procedimento investigativo da resposta sorriso para confecção da monografia de 1946.

Eu investiguei 147 bebês do nascimento até o primeiro ano de vida de maneira consecutiva. Essa investigação me trouxe à conclusão de que não podemos dizer que a percepção da face humana pelo bebê e sua reação a ela com um sorriso no 3º mês sejam uma relação objetal verdadeira (Spitz, 1954, p.494).

E, ainda, no livro *The First Year of Life*:

Investigamos uma população de 145 crianças do nascimento até doze meses. Essa população era diversificada de acordo com os contextos étnico, social e nacional, como ilustrado na Tabela 3. Cada uma dessas crianças foi observada de acordo com o método descrito no Capítulo 2 (apresentado adiante). Além disso, os bebês foram expostos a um número de estímulos e situações experimentais em intervalos regulares (Spitz, 1965, p.87).

Tabela 2. *Resposta Sorriso de Acordo com Ambiente e Raça (como apresentada em The First Year of Life).*

Reação	Instituição			Residência Doméstica		
	Branca	"De cor"	Indígena	Branca	Indígena	Total
Sorri	53	26	23	14	26	142
Não sorri	1	1	-	1	-	3
Total	54	27	23	15	26	145

A amostra total do estudo original, de acordo com o autor, era de 251 crianças, e não de 145. Este número é correspondente apenas a ao recorte etário



0;2+1 a 0;6+0 (dois meses e um dia a seis meses), no qual a maior parte do estudo foi concentrado, por apresentar taxa superior de manifestação da resposta sorriso quando comparado aos outros. Os sujeitos eram classificados de acordo com as faixas etárias médias do aparecimento e desaparecimento da resposta sorriso. As amostras se compunham de 54 bebês testados do nascimento até o vigésimo dia de idade, 144 bebês testados de 20 a 60 dias de idade, 132 crianças testadas no 3º, 4º, 5º e 6º mês de idade (anteriormente 144, mortalidade de 12 sujeitos), adicionados a 13 crianças observadas somente após o 3º mês de vida, 147 crianças testadas do 6º mês até o primeiro ano de vida, das quais 108 já haviam sido testadas do 3º ao 6º mês, além de um grupo adicional de 39 crianças observadas pela primeira vez apenas após o sexto mês de vida (Spitz & Wolf, 1983). É difícil compreender precisamente como a distribuição da amostra se deu, a partir dos dados apresentados no artigo. Se somarmos todos os números, o total bruto é de 421 sujeitos, mas, se considerarmos que os 144 testados de 20 a 60 dias de idade são os mesmos testados do 3º ao 6º mês, o número cai para 277 sujeitos. Desta maneira, o total amostral de 251 sujeitos, conforme apresentado pelos autores não corresponde aos totais parciais.

As situações de estímulo às quais as crianças foram submetidas foram: 1) apresentação da face humana com e sem movimento vertical, totalmente virada para o sujeito e de perfil; 2) variação das faces apresentadas, incluindo as de pesquisadores — dentre os quais o próprio Spitz — pais, pessoas familiares e estranhas aos bebês; 3) variação nas características das faces: de homens e mulheres, brancos e “de cor”; 4) apresentação de máscaras que representavam a face humana, fabricadas pelo pesquisador. O objetivo dessa série de experimentos foi averiguar em que situações se manifesta a reação sorriso, exatamente a qual configuração da face ela se apresenta e quando esta reação começa e termina.

Em 1964, Spitz publicaria outro artigo sobre a resposta sorriso, em colaboração com Paul Polak e Robert Emde. Nele, os autores descrevem o desenvolvimento do que chamam de “sistema de quantificação do sorriso” (*system of quantification of smiling*) que tinha por finalidade observar e detalhar a manifestação da resposta sorriso. Este estudo experimental foi o primeiro de uma série de dois estudos publicados no mesmo ano, sendo o segundo sobre discriminação visual e o começo da percepção de profundidade. O procedimento descrito é o seguinte:



O observador cego se posicionava no pé do berço do infante sob estudo, e observava o rosto e a parte superior do corpo do infante através de um tubo de papelão de cerca de 15cm de diâmetro e 76cm comprimento. A visão periférica era bloqueada por um cone de papel conectado ao tubo, para que o observador pudesse ver apenas a cabeça e os ombros do bebê. O experimentador se colocava abaixo do nível do colchão do berço antes do começo de cada período de observação. Ele então se levantava silenciosamente e apresentava o estímulo adequado ao bebê. Quando o olhar do bebê se fixava no estímulo, o experimentador batia no braço do observador cego, e a cronometragem do período de observação era iniciada. As observações eram gravadas tanto pelo experimentador quanto pelo observador cego após cada período de observação (Polak, Emde & Spitz, 1964a, p.103).

A observação era realizada durante 60s, e as medidas tomadas eram a latência do sorriso, seu nível de intensidade e sua duração. Por latência, entende-se o tempo entre a fixação visual do estímulo até o surgimento de um sorriso de pelo menos 1s. Já a duração é descrita como o tempo a partir do começo do sorriso até o começo de um intervalo no qual este desaparece por pelo menos 4s. Se não houvesse manifestação do sorriso por 60s de observação, a latência era registrada como 60s e todas as outras medidas como 0.

A intensidade era baseada no quanto os cantos da boca do infante se viravam para cima, avaliada numa escala de 1 a 5. O sorriso de nível 5 era determinado por uma medida prévia de "superestímulo", na qual o experimentador apresentava, ao mesmo tempo, vários estímulos que pudessem suscitar a resposta sorriso: apresentava sua face frontalmente ao bebê, fazendo movimentos afirmativos com a cabeça, além de produzir estímulos tácteis e auditivos não especificados no texto (Polak, Emde & Spitz, 1964a). Isso produzia um sorriso de nível 5 que era diferente em cada infante.

As observações e medidas eram excluídas pelo observador cego caso o bebê chorasse, colocasse sua mão em sua boca por 4s ou estivesse distraído. A amostra era composta de 23 bebês de 1 mês e meio a 8 meses de idade, 22 localizados numa enfermaria residencial onde aguardavam adoção e um numa casa de família, por motivos não especificados. O número de experimentos realizados em cada infante variava de 1 a 18, e as observações ocorriam semanalmente, até o fim da resposta sorriso no bebê ou até que este fosse adotado (Polak, Emde & Spitz, 1964a). A seleção dos participantes foi feita a partir de *rondas de sorriso (smiling rounds)* em toda a instituição, e os escolhidos eram os mais propensos a sorrir, sendo excluídos se estivessem irritadiços ou chorando.



Estes estudos ilustram de forma bastante exemplar os aspectos principais da metodologia de pesquisa empregada por Spitz e o modo como esta procura combinar um embasamento psicanalítico das hipóteses e da interpretação dos resultados com procedimentos padronizados, inspirados em delineamentos de pesquisa usuais nos campos disciplinares que também se ocupam da investigação do desenvolvimento infantil, da medicina à antropologia. No entanto, é preciso ainda descrever as demais técnicas empregadas pelo pesquisador para a coleta de dados e registro das observações, a fim de obter um quadro mais completo de suas estratégias de pesquisa.

Técnicas Investigativas Complementares

Em seus trabalhos, Spitz empregava duas técnicas auxiliares principais para a investigação dos bebês: os *testes de personalidade e desempenho* e os *filmes*. Quanto ao uso de testes, estes tinham, quando aplicados aos bebês, o objetivo de monitorar o seu desenvolvimento nas suas mais variadas dimensões, além de embasar predições sobre a evolução do grupo experimental e do grupo de controle, criando uma base de comparação entre estes. Isso se verificava tanto em estudos sobre o desenvolvimento normal quanto patológico. A aplicação de testes às mães e cuidadores primários tinha a finalidade de traçar um perfil psicológico destes agentes. O autor produziu, ainda, em grande parte de seus estudos, filmes documentários curtos que mostravam cenas dos experimentos, ilustrando as condições investigadas e possibilitando uma análise posterior dos procedimentos em maior detalhe.

Dos testes aplicados nos bebês, o principal era a seção destinada aos primeiros anos de vida do teste Bühler-Hetzer (também conhecido como Teste Vienense), um teste padronizado de personalidade e desenvolvimento para crianças de 0 a 6 anos, previamente validado nos EUA e na Europa. Quase metade dos testes referentes ao primeiro ano de vida, 49 dos 100, foram retirados do teste Hetzer-Wolf (Hetzer & Wolf, 1928) e a compilação total é uma revisão do mesmo realizada por Liselotte Frankl e Katherine Wolf.

O uso do teste é recomendado pelas autoras como “exame complementar na prática” (Bühler & Hetzer, 1932/1979, p.1). O objetivo é criar situações que sejam condizentes com o cotidiano das crianças para observar seu comportamento sem exigir muito esforço por parte dos sujeitos. De fato, Herring (1937) comenta que os testes referentes ao primeiro ano não são difíceis de serem administrados, sendo possível fazê-lo em ambiente doméstico normal. O



teste não avalia apenas as funções intelectuais, mas “todas as linhas de conduta do comportamento humano” (Bühler & Hetzer, 1932/1979, p.1).

As crianças eram submetidas a testagem várias vezes durante os estudos de Spitz, sendo seus resultados apresentados em gráficos de quociente de desenvolvimento variando em função da idade medida em meses.

Segundo Spitz (1965), este teste permite comparações inter e intraindividuais, além de prover uma avaliação global do desenvolvimento. O teste foi também revalidado por Spitz (1965), utilizando duas populações do estado de Nova Iorque. Uma era formada por filhos de intelectuais de classe média, cujas médias concordaram com as normas do teste. A segunda amostra foi obtida numa agência de lares adotivos, e as crianças atingiram escores piores que o primeiro grupo, embora se aproximassem das médias do teste. A avaliação quantitativa propiciada pelo teste fornece uma série de *quocientes de desenvolvimento*, que são usados para representar o desenvolvimento da criança dentro de um determinado período de tempo.

Esses testes permitem a quantificação mensal do desenvolvimento e da maturação de seis setores da personalidade: a) percepção dos sentidos; b) funções motoras e movimentos de controle corporais; c) relações interpessoais, o setor social do comportamento; d) memória e imitação; e) manipulação dos objetos; e f) desenvolvimento intelectual. Este último setor engloba todos os outros, uma vez que é visto como o fator principal da criatividade e do esforço para alcançar os objetivos.

Sobre os testes aplicados nas mães, Spitz e Wolf (1947) comentam que foram administrados testes de Rorschach em 30% delas. Em 20 daquelas mães, cujos filhos apresentavam exclusivamente o sintoma de balançar-se (*rocking*), foram administrados “o teste de Rorschach, o Szondi, o Stanford Binet modificado, o Passalong, o Minkus etc.” (Spitz & Wolf, 1947, p.104), uma seleção de testes projetivos, de inteligência e desempenho. Também era conduzida uma entrevista pessoal. Os resultados dos testes não são apresentados, mas é comentado que das 20 mães testadas, 17 têm uma estrutura psicológica similar. Um parecer sobre o desempenho deste grupo nos testes é fornecido em seguida. As mães foram descritas como imaturas para suas idades, apresentando dificuldade em elaborar mecanismos de defesa, como a sublimação. Eram ainda extrovertidas e apresentavam inaptidão para controlar a agressividade, que se expressava numa tendência a surtos agressivos e violentos. O autor explica que os resultados estavam sendo organizados para fins de publicação de um artigo sobre mães delinquentes, mas não há informações que indiquem que este artigo se tenha concretizado. Em *The First Year of Life*,



Spitz (1965) afirma que os testes Rorschach e Szondi foram administrados às mães de um grande número de crianças e que os resultados foram incluídos nos prontuários das crianças, mas esses resultados tampouco são apresentados. Ele observa também que foram conduzidas entrevistas com as mães e com o pessoal do Berçário.

Quanto à técnica produção de filmes para fins de documentação de observações infantis, este foi um recurso empregado por Spitz na maioria de seus trabalhos. Ele a utilizava “tanto para documentação de descobertas importantes quanto para estudo pormenorizado dos mesmos ...” (Emde & Harmon, 1983, p.426), o que o coloca como parte da primeira geração de pesquisadores da infância a se valer desse recurso, juntamente a Watson (1923) em seu clássico experimento do *Pequeno Albert*, sendo ainda pioneiro no uso da técnica no meio psicanalítico.

Os filmes produzidos pelo autor e sua colaboradora Katherine Wolf são produto do Projeto de Pesquisa Psicanalítico sobre Problemas na Infância, no qual foram filmadas 366 crianças com o objetivo de estudar o comportamento geral de crianças (Weitzenkorn, 2020). São divididos em temas, cada um tratando de uma síndrome estudada por Spitz e sua equipe. Eles foram filmados em 16mm e em preto e branco, mostrando imagens das crianças, assim como caixas de texto explicando a síndrome da qual estavam acometidas. Um total de dez filmes foram colocados em circulação pela Biblioteca de Filmes da Universidade de Nova Iorque (*New York University Film Library*). São estes: 1) *Luto: Um Perigo na Infância* (1947)³; 2) *O Nascimento e os Primeiros 15 Minutos de Vida* (1947); 3) *Consequências Somáticas da Privação Emocional em Bebês* (1948); 4) *A Resposta Sorriso (Uma Investigação Experimental sobre a Ontogênese das Relações Sociais)* (1948); 5) *A Gênese das Emoções* (1948); 6) *Agarrar* (1949); 7) *Doenças Psicogênicas na Infância* (1952)⁴; 8) *Amor de Mãe* (1952); 9) *Moldando a Personalidade – O Papel das Relações Mãe-Bebê na Infância* (1952); 10) *Ansiedade: Sua Fenomenologia no Primeiro ano de Vida* (1953).

Os filmes seguem uma estrutura geral de descrições dos fenômenos de desenvolvimento e patologias propostas pelos seus temas em caixas de texto, intercaladas com cenas de experimentos ou observações das crianças que ilustram os marcadores de desenvolvimento ou os sintomas apresentados por elas. São todos em preto e branco e não possuem áudio. No começo, é exibido um aviso que explica que, em todos os filmes, os comportamentos gravados das

³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LyVkXaqXOv4>.

⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yE3uux-eSo>.



crianças não são atípicos nem influenciados pelo ato da filmagem e que, ao contrário, são típicos da idade das crianças no mesmo local e sob as mesmas circunstâncias. Ao final, geralmente é apresentada uma conclusão também em caixa de texto. Os temas são os mesmos de muitos de seus artigos, e os textos apresentados são recortes ou resumos de passagens dos artigos. Todos foram filmados durante a época dos seus principais experimentos, nas instituições denominadas como Berçário e Casa da Criança Abandonada, além dos locais em que estavam presentes as crianças dos grupos controle. Por vezes, as mesmas cenas são mostradas em filmes diferentes, como, por exemplo, no filme sobre o luto e naquele sobre doenças psicogênicas na infância, por possuírem temas próximos (Weitzenkorn, 2020).

Para obter um registro objetivo e permanente, Spitz utilizava um processo que desenvolveu em 1933, chamado "análise através de filmes" (*screen analysis*) que, segundo ele:

... consiste em filmar a um ritmo de 24 quadros por segundo, permitindo, por meio de uma projeção normal, repetir nossas observações algum tempo depois, tantas vezes quanto necessário, e também reduzir a sequência de observação visual para 8 quadros por segundo (Spitz, 1965, p.24).

O procedimento foi descrito da seguinte maneira no artigo sobre o hospitalismo:

Um projetor com movimentação manual adicional também permite o estudo dos filmes frame por frame, se necessário, para ver ao contrário ou repetir a projeção de cada detalhe tantas vezes quanto se quiser. Simultaneamente, os protocolos escritos dos experimentos são estudados e as duas observações comparadas (Spitz, 1945, p.57).

Emde e Harmon (1983) comentam que utilizaram os filmes produzidos por Spitz para ensino e discussão, pois são úteis para a demonstração das condições ilustradas, além de terem valor histórico e aplicação na prática clínica atual. Apontam ainda que, apesar de o hospitalismo não ser uma síndrome tão presente quanto na época em que Spitz realizou seus estudos, síndromes parecidas com a depressão anaclítica ainda aparecem em hospitais pediátricos e, nesses casos, os filmes servem para sensibilizar os espectadores para a realidade da depressão infantil.

A Crítica de Samuel Pinneau



Em 1955, o Dr. Samuel R. Pinneau (1922-2012) – psicólogo, pesquisador da infância e, na época, docente na Universidade da Califórnia – escreveu um artigo de crítica metodológica aos trabalhos de René Spitz. Sua discussão abarcava os dois artigos sobre o hospitalismo, os trabalhos sobre a depressão anaclítica e as doenças psicogênicas na infância, além do estudo sobre o autoerotismo (Spitz, 1946a; 1954; 1951; Spitz & Wolf, 1947). Estes são os trabalhos mais extensos e detalhados publicados por Spitz.

Pinneau considera as duas principais instituições utilizadas por Spitz em suas investigações, as quais são constantemente comparadas em alguns de seus artigos, o Berçário (*Nursery*) e a Casa da Criança Abandonada (*Foundling Home*). Ele aponta a falta de informações sobre as instituições e a consequente dificuldade para verificar os resultados dos estudos, encontrando neles uma série de discrepâncias. Uma destas diz respeito à presença das mães no Berçário. Num primeiro momento, Spitz afirma que as crianças são cuidadas por suas próprias mães durante o primeiro ano de vida; no entanto, no artigo *Anaclitic depression* (Spitz & Wolf, 1946), é mencionado que uma “proporção considerável delas era separada das mães por um período de três meses começando em 6-8 meses de vida, por motivos não especificados” (Pinneau, 1955a, p.431). Pinneau aponta que, ainda de acordo com Spitz e Wolf (1946), apesar de a “maioria das mães serem socialmente desajustadas, ‘débeis mentais’, fisicamente defeituosas, psicopatas ou criminosas, é dito que a mãe ‘dá à criança tudo que uma boa mãe dá e além disso, tudo o que lhe resta’” (Pinneau, 1955a, p.431). Esta seria uma constatação controversa, devido às características da amostra.

Quando Spitz descreve o estabelecimento das patologias do Hospitalismo e da Depressão Anaclítica, um fator de destaque é a queda gradual nos QDs, que indicariam um atraso geral no desenvolvimento dos bebês como consequência direta da progressão das doenças. Segundo Pinneau (1955a), essa conclusão resulta de um uso indevido dos QDs, que são um *dado* e, por isso, não podem ser simplesmente utilizados na identificação de uma patologia, como se fossem um *sintoma*.

A combinação de estudos longitudinais e transversais que Spitz afirma ter utilizado também foi comentada. Sobre isso, Pinneau (1955a) diz que os estudos só poderiam ser considerados como transversais, a partir das informações fornecidas pelo próprio Spitz. Sua curta duração não permitiria que fossem considerados como estritamente longitudinais. Spitz (1955) rebate dizendo que Pinneau não teria definido exatamente o que entendia por “longitudinal” e argumentou que, num estudo sobre o primeiro ano de vida, este termo significa



“um período de tempo suficiente para detectar mudanças no desenvolvimento do sujeito” (Spitz, 1955, p.454). Este intervalo seria de aproximadamente 2 a 3 meses.

Em relação ao uso do teste Hetzer-Wolf nos trabalhos de Spitz, Pinneau (1955a) destaca que a padronização do teste foi feita com uma amostra de crianças vienenses, numa quarentena de 3 semanas e sem contato com as mães. Estas crianças eram de uma camada mais humilde da sociedade, não sendo assim representativas da população de crianças vienenses como um todo. Apesar desta crítica, em seu artigo sobre o autoerotismo em colaboração com Katherine Wolf (1947), Spitz relata ter aplicado o teste em crianças americanas de famílias estáveis e conseguido resultados similares. Além disso, Pinneau aponta que Spitz utiliza os testes do primeiro ano de vida em sua escala original, mesmo com uma revisão tendo sido publicada na época por Frankl e Wolf (em Bühler & Hetzer, 1932).

A amostra do Berçário de Spitz diverge da tendência de os escores muito altos nas crianças mais novas para uma diminuição brusca em crianças mais velhas, como ilustrado pelas pesquisas utilizando o Bühler-Hetzer apresentadas por Pinneau (1955a): McGraw (1931), Hubbard (1935) e Hsü (1946). Ao invés disso, no Berçário, não há um decréscimo no escore do teste à medida que as crianças crescem. Pinneau aponta que é possível que, para este resultado, o teste utilizado tenha sido a revisão do original feita por Frankl-Wolf, e apresenta ainda dois estudos que a utilizam: o de Ackerman (1942), que não possui informações em relação aos meses com diferenças significativas nos resultados de Spitz, e o de Herring (1937), sobre a confiabilidade do teste. Este último revelou a tendência já citada de queda nos escores ao longo do tempo, tanto nos grupos socioeconômicos mais altos quanto nos mais baixos, apesar de esta queda não ser tão grande quanto aquela apresentada por Spitz. O grupo de controle de Spitz, composto por crianças oriundas de lares comuns e filhas de trabalhadores qualificados, não apresentava esta queda significativa encontrada por outros pesquisadores, ao contrário do que foi constatado por Bayley e Jones (1937). Neste estudo, os autores concluíram que os escores de crianças nesse tipo de teste, durante o primeiro ano de vida, não guardam relação com o nível socioeconômico, nem com a formação ou profissão dos pais. Pinneau conclui, então, que tanto o teste de Hetzer-Wolf quanto o de Frankl-Wolf apresentam escores muito acima de 100 nos primeiros meses e que o primeiro apresenta escores muito abaixo de 100 nos últimos meses, havendo assim uma diferença muito grande entre os grupos de controle de Spitz e outros estudos de verificação do teste.



Sobre a habilidade preditiva do teste Frankl-Wolf (seção referente ao primeiro ano do Bühler-Hetzer), Pinneau (1955a) torna a citar Herring (1937). A autora comparou os resultados de dois testes em dias consecutivos em sujeitos de 1 a 12 meses de idade com os resultados dos mesmos sujeitos em testagens 4, 5, 8 e 9 meses posteriores. As correlações entre as médias não se mostraram significativas. Os coeficientes encontrados foram de .288 entre o teste original ao primeiro mês de vida e o reteste aos 5/6 meses de vida e de .345 entre as idades de 1 e 9/10 meses de vida. Os retestes apresentaram um coeficiente de correlação de .448 quando comparados um com o outro. Baseando-se nestes resultados, Herring conclui que a estabilidade dos QDs entre as retestagens de 5 e 6 meses e 9 e 10 meses com os testes realizados no primeiro mês de vida é muito baixa, e que as retestagens aos 9 e 10 meses apresentam correlação moderada com as realizadas aos 5 e 6 meses. Assim, esses testes não podem ser considerados confiáveis como medidas preditivas dentro do primeiro ano de vida.

Passando para uma perspectiva mais ampla, este autor sustenta que a capacidade preditiva de testes infantis em geral não é boa, utilizando como evidência o estudo conduzido por Bayley (1949), que observa que os resultados de sujeitos com 6 meses de vida se relacionam negativamente com a performance em idade escolar. Neste estudo, a autora apresenta os resultados de diversos testes de inteligência em uso na época, aplicados a uma pequena amostra de 61 crianças, do nascimento até os 18 anos de idade. Bayley afirma que um teste ideal de desenvolvimento da inteligência deveria ser capaz de medir as mesmas crianças desde o nascimento até a maturidade, além de ser calibrado em unidades absolutas, de modo que os níveis de desenvolvimento da inteligência nas diferentes idades pudessem ser diretamente comparados. Nesse sentido, os testes deveriam ter um "ponto zero" em comum e unidades de tamanho uniforme (Shock, 1951). No entanto, ao que parece, nenhum teste cumpre todos estes pré-requisitos. Em estudos prévios da autora com a mesma amostra (Bayley, 1933; 1940a; 1940b; Bayley & Jones, 1937) foi encontrada pouca ou nenhuma relação entre os escores dos testes antes de dois anos de idade e em idades posteriores, possivelmente porque os testes de inteligência infantil até então eram inadequados para prever a inteligência futura. Duas possíveis explicações surgem para o fenômeno: o fato de que ainda não tivessem sido encontrados os comportamentos chave das funções intelectuais infantis subjacentes que pudessem ser utilizadas para prever a natureza da inteligência em idades posteriores ou que talvez fosse impossível prever a inteligência posterior, pois os aspectos de desenvolvimento da inteligência são tão variáveis



que utilizar evidências provenientes do comportamento infantil precoces seria inviável (Bayley, 1949).

Com base nos estudos apresentados que utilizaram a mesma escala que Spitz em seus trabalhos, Pinneau (1955a) questiona a sua habilidade preditiva, apontando que escores abaixo da média em crianças de até um ano de idade não têm relação com a sua performance quando atingem a idade escolar. Isso invalidaria a afirmação de Spitz de que "... os efeitos da privação materna nas crianças Casa da Criança Abandonada resultaram em dano irreparável e que tal dano é refletido nos escores das mesmas nos testes" (Pinneau, 1955a, p.443).

Spitz (1955) escreve um artigo de réplica no mesmo ano, fornecendo algumas informações referentes aos apontamentos de Pinneau, mas deixando muitos sem explicação. Além disso, o autor se mostra defensivo em relação a um artigo que analisa sua metodologia, alegando que Pinneau não teria familiaridade com o assunto de suas pesquisas. Ele chega a afirmar que a sua ideia de que ele não utilizou grupos normais como controle é "uma alucinação negativa", acrescentando também que esse artigo é uma tentativa de ataque ao trabalho de campo clínico, utilizando apenas um raciocínio dedutivo. Spitz observa que este não é o primeiro caso em que Pinneau faz esse tipo de crítica. Numa referência ao artigo sobre o trabalho de Margaret Ribble (Pinneau, 1950), ele diz:

... sua crítica dessa linha de pesquisa sugere que deveríamos continuar a deixar crianças crescerem em lugares como a Casa da Criança Abandonada, a um risco de mortalidade de 37,5% a cada dois anos, esperando que haja mudança até que sejam esclarecidas até as mínimas variações nos testes aplicados (Spitz, 1955 p.457).

Spitz menciona ainda o discurso presidencial de Joseph Stone na Associação Psicológica do Estado de Nova Iorque, no qual este chama o artigo de Pinneau sobre o trabalho de Margaret Ribble de "um tipo de bomba de hidrogênio de crítica destrutiva perfeita" (p.458).

Em relação à falta de informações sobre as instituições, Spitz (1955) argumenta não revelar tais informações devido à sua responsabilidade como médico em relação à privacidade de seus pacientes, assim como por uma restrição legal de uma das instituições, que proibia a divulgação de qualquer informação que pudesse levar à identificação de seus internos. Pinneau (1955b) comenta em sua tréplica que, por mais que seja legítima a confidencialidade médico-paciente, é difícil de acreditar que, nesse caso específico, seria uma violação ética ou legal identificar as instituições ou pelo menos dar detalhes sobre as características nacionais, educacionais e socioeconômicas da amostra.



Emde (1983) destaca a importância do embate travado por Spitz e Pinneau por seu valor histórico e pela ilustração da diferença das abordagens de um psicólogo experimental e um clínico pesquisador. O autor comenta que as críticas tecidas por Pinneau são pertinentes e que, caso os artigos de Spitz fossem submetidos para publicação na época em que escreve – 1983 –, muitas das questões apontadas por Pinneau precisariam ser esclarecidas como requisito para a aceitação dos trabalhos. Por outro lado, ainda de acordo com Emde, Pinneau pode ter deixado de perceber muito da importância do trabalho de Spitz em suas críticas, uma vez que estudos subsequentes trouxeram conclusões parecidas no que concerne à conexão entre a privação materna e a depressão e os efeitos da separação aguda do cuidador após dos 6 meses de vida. Especificamente sobre a crítica do uso dos testes, Emde destaca ainda que Spitz os utilizava como suporte na avaliação do funcionamento das crianças, e não como preditor de atraso cognitivo, como Pinneau os interpreta.

Discussão e Conclusão

O trabalho desenvolvido por Spitz no estudo das doenças psicogênicas na infância e no desenvolvimento infantil é amplamente conhecido e considerado de grande importância no campo psicanalítico e da psicologia do desenvolvimento. Seu artigo *Hospitalism* surgiu de sua motivação para estudar os efeitos da institucionalização contínua em bebês pequenos e é tema de inúmeros trabalhos e referência frequente no debate sobre esta forma de institucionalização, assim como sobre suas consequências no desenvolvimento psíquico e motor de bebês que são privados de um cuidador primário após os 3 meses de vida. A partir desse trabalho, surge o Projeto de Pesquisa Psicanalítico sobre Problemas na Infância, uma série de investigações feitas por ele com a colaboração de Katherine Wolf, nas instituições que foram denominados Berçário e Casa da Criança Abandonada.

Os artigos publicados na época que foram iniciados os trabalhos do Projeto de Pesquisa Psicanalítico sobre Problemas na Infância (Spitz & Wolf, 1946, 1947, Spitz 1945, 1946a, 1946b), foram elaborados com base nos experimentos iniciados em 1944, e outros trabalhos posteriores parecem se apoiar nos dados então obtidos (Spitz, 1954, 1962, 1966). Essa pesquisa também foi a base para a preparação do livro *The First Year of Life*, cerca de 20 anos após a publicação do primeiro artigo. Van der Horst, van Rosmalen & Van der Veer (2019) destacam precisamente isso quando comentam as impressões de Bowlby sobre seu encontro com Spitz, em 1950: “ (Spitz) finalizou suas observações um ano



atrás e está ocupado escrevendo suas coisas. Ele parece ter um grande volume de artigos para publicação, mas evidentemente não fará nenhuma observação adicional” (Bowlby, 1950; citado em Van der Horst, van Rosmalen & Van der Veer, 2019, p.206).

Esses autores ainda afirmam que, de acordo com a correspondência de Bowlby, Spitz era mais o responsável por formular interpretações e explicações psicanalíticas baseadas nas observações feitas do que, de fato, participar dos experimentos e coleta de dados empíricos. A maior parte desse trabalho era feito por Katherine Wolf (1907-1957), psicóloga infantil treinada por Charlotte Bühler, assim como Spitz, citada como coautora em alguns dos trabalhos, que também organizava os experimentos e fazia as análises estatísticas dos dados (Rowold, 2019). Ainda assim, Spitz levou a maior parte do crédito, e é sempre o único mencionado como o responsável pelas investigações.

A utilização de filmes documentários pelo autor foi uma inovação importante, pois abriu precedentes para a utilização dessa tecnologia que permite ilustrar o material trabalhado nos artigos e fazer com que os experimentos e sua execução possam ser compreendidos pelos leitores. Esse registro também garante que eles possam ser avaliados e replicados com maior precisão. Ao que parece, Spitz estava ciente desse valor pedagógico dos filmes, uma vez que, como explicita Weitzenkorn (2020), eles foram utilizados em hospitais e faculdades de medicina, durante aulas, e chegaram ainda a serem exibidos como entretenimento no Cinema 16 em Nova Iorque.

Outros pesquisadores que utilizavam os filmes tinham o objetivo de mostrá-los como evidência “neutra e tangível, o que situava os métodos observacionais nos campos experimentais” (Weitzenkorn, 2020, p.8). A técnica da análise através de filmes apresentada por Spitz também parece se inserir na mesma lógica, mas a presença constante do pesquisador e o ângulo de filmagem contrariam a tendência de se esconder e esconder a câmera de modo a não influenciar o comportamento dos bebês durante os experimentos, como afirma Weitzenkorn (2020).

Os filmes de Spitz e Wolf são ainda de grande valor em termos de divulgação científica, em virtude de serem de compreensão mais fácil do que os artigos e passarem a mensagem dos autores de modo mais direto.

Como foi apontado por Pinneau (1955b), os trabalhos de Spitz carecem de clareza na apresentação dos dados, que se mostram algumas vezes incongruentes de um estudo para outro, como, por exemplo, amostras que variam em número, por conta da mortalidade infantil ou a adição de novos participantes no estudo já em andamento. Esses imprevistos são passíveis de



acontecer nesse tipo de experimento, mas não são esclarecidos de maneira explícita pelo autor na maioria dos artigos. Em relação à amostra, é mencionada com frequência a utilização de um número “estatisticamente significativo de crianças” sem, no entanto, especificar com base em qual cálculo ou parâmetro o número de participantes foi considerado como “significativo”. Há, ainda, informações demasiadamente vagas, como quando Spitz fala da amostra selecionada no povoado indígena na América Latina, ou de uma instituição identificada apenas como localizada no “mundo ocidental”. A justificativa utilizada é o sigilo médico, mas isso não explica a ausência absoluta de dados sobre as instituições.

Essa falta de clareza também aparece na inclusão da classificação racial das amostras, vista que, como discutido, não há justificativa consistente para a inclusão do critério na pesquisa, e seus resultados não são discutidos, exceto para afirmar, algumas vezes, que não existe interferência do fator racial no desenvolvimento das afecções que ele descreve.

Apesar de Spitz (1955) responder algumas das questões colocadas por Pinneau, ele também aproveita a oportunidade para fazer ataques pessoais ao autor e se valer da fala de um colega ridicularizando-o, alegando por fim que ele não tinha experiência na área, mesmo Pinneau sendo um psicólogo experimental que estudava especificamente o desenvolvimento infantil.

A tentativa de compreensão dos fenômenos estudados por Spitz, em muitas ocasiões em colaboração a psicóloga austro-americana Katherine Wolf, por meio de conceitos psicanalíticos como a teoria das relações objetais, e a consequente constatação de que a formação e o desdobrar das mesmas é imprescindível para o ajustamento ao ambiente e o desenvolvimento saudável da personalidade, foram o resultado da metodologia única utilizada pela dupla. Essa metodologia, ao mesmo tempo que trazia elementos da psicologia experimental infantil e dava um tom mais “científico” às pesquisas, não desviava demasiadamente dos métodos psicanalíticos clássicos, mantendo uma via de interlocução com a comunidade psicanalítica da época. Um dos meios pelos quais Spitz mantinha essa proximidade eram os estudos de caso trazidos por ele em seus artigos, cuja linguagem única também pode ser averiguada nos filmes que registram seus experimentos (Weitzenkorn, 2020).

Enfim, o método de observação infantil desenvolvido por Spitz apresenta deficiências quanto ao controle experimental, e não pode ser considerado mais que um projeto de aproximação entre estudo psicanalítico típico e a psicologia experimental infantil. No entanto, em suas extensas interpretações dos dados provenientes da observação direta, o autor preenche uma lacuna e desenvolve



um trabalho frequentemente negligenciado pelos psicólogos infantis de sua época (McCandless & Spiker, 1956), a saber, adotar uma teoria que não apenas guie o trabalho, mas que possa ser comprovada ou falseada a partir do mesmo.

Referências

- Ackerman, D. S. (1942). The critical evaluation of the Viennese tests as applied to 200 New York infants six to twelve months old. *Child Development*, 13(1), 41-53. doi:10.2307/1125805
- Ainsworth, M. S. & Bowlby, J. (1991). An ethological approach to personality development. *American Psychologist*, 46(4), 333. doi:10.1037/0003-066X.46.4.333
- Bayley, N. (1933). Mental growth during the first three years: A developmental study of sixty-one children by repeated tests. *Genetic Psychology Monographs*, 14(1), 1-92.
- Bayley, N. (1940a). Mental growth in young children. *Yearbook of the National Society for the Study of Education*, 39, 11-47. doi:10.1037/11228-002
- Bayley, N. (1940b). Factors influencing the growth of intelligence in young children. *Yearbook of the National Society for the Study of Education*, 39, 49-79. doi:10.1037/11228-003
- Bayley, N. (1949). Consistency and variability in the growth of intelligence from birth to eighteen years. *The Pedagogical Seminary and Journal of Genetic Psychology*, 75(2), 165-196. doi:10.1080/08856559.1949.10533516
- Bayley, N. & Jones, H. E. (1937). Environmental correlates of mental and motor development: A cumulative study from infancy to six years. *Child Development*, 8(4), 329-341. doi:10.2307/1125508
- Bernfeld, S. (1941). The facts of observation in psychoanalysis. *The Journal of Psychology*, 12(2), 289-305. doi:10.1080/00223980.1941.9917076
- Bowlby, J. (1951). *Maternal care and mental health* (Vol. 2). Geneva: World Health Organization.
- Bühler, C. & Hetzer, H. (1932). *Kleinkindertests: Entwicklungstests vom 1. bis 6. Lebensjahr*. Barth: Leipzig.
- Bühler, C. & Hetzer, H. (1979). *O desenvolvimento da criança do primeiro ao sexto ano de vida: Testes: Aplicação e interpretação*. (R. M. S. Santos, Trad.). São Paulo: E.P.U. Springer. (Original publicado em 1932).



- Emde, R. N. (Ed.) (1983). *René A. Spitz, Dialogues from infancy: Selected papers*. Madison: International Universities Press.
- Emde, R. N. (1992). Individual meaning and increasing complexity: Contributions of Sigmund Freud and René Spitz to Developmental Psychology. *Developmental Psychology*, 28(3), 347-359. doi:10.1037/0012-1649.28.3.347
- Emde, R. N. & Harmon, R. J. (1983). The films of René A. Spitz. Em R. N. Emde (Ed.) *René A. Spitz, Dialogues from infancy: Selected papers* (pp.426-430). Madison: International Universities Press.
- Fulgêncio, L., Birman, J., Kupermann, D. & Cunha, E. L. (2018). *Modalidades de pesquisa em psicanálise: métodos e objetivos*. São Paulo: Zagodoni.
- Herring, A. (1937). An experimental study of the reliability of the Buhler Baby Tests. *Journal of Experimental Education*, 6, 147-160. doi:10.1080/00220973.1937.11010084
- Hetzer, H. & Wolf, K. M. (1928). Baby tests. *Zeitschrift für Psychologie und Physiologie der Sinnesorgane*, 107.
- Hsü, E. H. (1946). On the application of Viennese infant scale to Peiping babies. *The Pedagogical Seminary and Journal of Genetic Psychology*, 69(2), 217-220. doi:10.1080/08856559.1946.10533390
- Hubbard, R. M. (1935). A study of the reliability and validity of the Bühler infant scale. *The Pedagogical Seminary and Journal of Genetic Psychology*, 47(2), 361-384. doi:10.1080/08856559.1935.10534052
- Leuzinger-Bohleber, M. & Bürgin, D. (2018). Pluralism and unity in psychoanalytic research: some introductory remarks. Em M. Leuzinger-Bohleber, A. U. Dreher & J. Canestri. *Pluralism and unity: methods of research in psychoanalysis* (pp.1-25). London and New York: Routledge. (Original publicado em 2003).
- Mahler, M. S. (1963). Thoughts about development and individuation. *The Psychoanalytic Study of the Child*, 18(1), 307-324. doi: 10.1080/00797308.1963.11822933
- Mahler, M. S. (1971). A study of the separation-individuation process: And its possible application to borderline phenomena in the psychoanalytic situation. *The Psychoanalytic Study of the Child*, 26(1), 403-424. doi: 10.1080/00797308.1971.11822279
- McCandless, B. R. & Spiker, C. C. (1956). Experimental research in child psychology. *Child Development*, 27(1), 75. doi:10.2307/1126331



- McGraw, M. B. (1931). A comparative study of a group of southern white and negro infants. *Genetic Psychology Monographs*, 10(1), 1-105.
- Pinneau, S. R. (1950). A critique on the articles by Margaret Ribble. *Child Development*, 21, 203-228. doi:10.2307/1126372
- Pinneau, S. R. (1955a). The infantile disorders of hospitalism and anaclitic depression. *Psychological Bulletin*, 52(5), 429-452. doi:10.1037/h0045987
- Pinneau, S. R. (1955b). Reply to Dr. Spitz. *Psychological Bulletin*, 52(5), 459-462. doi:10.1037/h0040503
- Polak, P. R., Emde, R. & Spitz, R. A. (1964a). The smiling response to the human face. I: Methodology, quantification and natural history. *Journal of Nervous Mental Disease*, 139(5), 103-109. doi:10.1097/00005053-196408000-00002
- Polak, P.R., Emde, R. N. & Spitz, R. A. (1964b). The smiling response: II. Visual discrimination and the onset of depth perception. *Journal of Nervous and Mental Disease*, 139(5), 407-415. doi:10.1097/00005053-196411000-00001
- Rowold, K. (2019). What do babies need to thrive? Changing interpretations of 'Hospitalism' in an international context, 1900–1945. *Social History of Medicine*, 32(4), 799-818. doi:10.1093/shm/hkx114
- Scarr, S. (1988). Race and gender as psychological variables: Social and ethical issues. *American Psychologist*, 43(1), 56–59. doi:10.1037/0003-066x.43.1.56
- Shadish, W. R., Cook, T. D. & Campbell, D. T. (2001). *Experimental and quasi-experimental designs for generalized causal inference*. Boston, MA: Houghton Mifflin.
- Shock, N. W. (1951). Growth Curves. Em H. S. Langfeld & S. S. Stevens (Eds.), *Handbook of Experimental Psychology* (pp.330-346). New York: John Wiley & Sons.
- Spitz, R. A. (1944). Psychosomatic principles and methods and their clinical application. *Medical Clinics of North America*, 28(3), 553-564. doi:10.1016/S0025-7125(16)36374-X
- Spitz, R. A. (1945). Hospitalism: An inquiry into the genesis of psychiatric conditions in early childhood. *The Psychoanalytic Study of the Child*, 1(1), 53-74. doi:10.1080/00797308.1945.11823126



- Spitz, R. A. (1946a). Hospitalism: A follow-up report on investigation described in Volume I, 1945. *The Psychoanalytic Study of the Child*, 2(1), 113-117. doi:10.1080/00797308.1946.11823540
- Spitz, R. A. (1946b). The smiling response: A contribution to the ontogenesis of social relations. *Genetic Psychology Monographs*, 34, 57-125.
- Spitz, R. A. & Wolf, K. M. (1946). Anaclitic Depression: An inquiry into the genesis of psychiatric conditions in Early Childhood, II. *The Psychoanalytic Study of the Child*, 2, 313-342. doi:10.1080/00797308.1946.11823551
- Spitz, R. A. & Wolf, K. M. (1947). Autoerotism: Some empirical findings and hypotheses on three of its manifestations in the first year of life. *The Psychoanalytic Study of the Child*, 3, 85-120. doi:10.1080/00797308.1947.11823082
- Spitz, R. A. (1951). The psychogenic diseases in infancy: An attempt at their etiologic classification. *The psychoanalytic study of the child*, 6(1), 255-275. doi: 10.1080/00797308.1952.11822915
- Spitz, R. A. (1954). Genèse des premières relations objectales. *Revue Française de Psychoanalyse*, 18(1), 487-575.
- Spitz, R. A. (1955). Reply to Dr. Pinneau. *Psychological Bulletin*, 52, 453-459. doi:10.1037/h0041575
- Spitz, R. A. (1959). *A genetic field theory of ego formation: Its implications for pathology*. Madison: International Universities Press.
- Spitz, R. A. (1962). Autoerotism re-examined: the role of early sexual behavior patterns in personality formation. *Psychoanalytic Study of the Child*, 17(1), 283-315. doi:10.1080/00797308.1962.11822849
- Spitz, R. A. (1965). *The first year of life: A psychoanalytic study of normal and deviant development of object relations*. Madison: International Universities Press.
- Spitz, R. A. (1966). Implications métapsychologiques de mes recherches sur les données du développement infantile. *Revue Française de Psychanalyse*, 30(5), 535-568.
- Spitz, R. A. & Wolf, K. M. (1983) Excerpts from "The Smiling Response: A Contribution to the Ontogenesis of Social Relations". Em R. N. (Ed.) *René A. Spitz, Dialogues from infancy: Selected papers*. (pp.98-124). Madison: International Universities Press.



van der Horst, F. C., van Rosmalen, L. & Van der Veer, R. (2019). John Bowlby's critical evaluation of the work of René Spitz. *History of Psychology*, 22(2), 205b. doi:10.1037/hop0000127b

Watson, J. B. (1923). *Experimental Investigation of Babies* [Filme]. United States: C. H. Stoelting Co.

Weitzenkorn, R. (2020). Boundaries of reasoning in cases: The visual psychoanalysis of René Spitz. *History of the Human Sciences*, 33(3-4), 66-84. doi: 10.1177/0952695120908491

Nota sobre os autores:

Michelle Vianna Goliath é psicóloga e mestre em História e Filosofia da Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: michellegoliath@hotmail.com.

Richard Theisen Simanke é doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo. Docente do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da mesma instituição. E-mail: richardsimanke@uol.com.br.

Data de submissão: 26.09.2021

Data de aceite: 29.04.2022